

Dr. David A. deSilva , Hebreus, Sessão 12, Hebreus 1 3:1-25: Uma resposta agradável a Deus

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

Embora alguns estudiosos tenham considerado o capítulo 13 uma série de instruções anexadas que não são integrais ao sermão, e talvez até mesmo uma edição posterior, essas exortações na verdade se relacionam diretamente tanto com a argumentação do sermão anterior quanto com os desafios enfrentados pela congregação. O pregador aqui dá aos ouvintes algumas instruções específicas sobre como eles devem perseverar diante de uma sociedade hostil e chegar com segurança e incansáveis ao objetivo da cidade duradoura que está por vir. Hebreus 13:1 a 21 descreve a resposta que mostra gratidão a Deus e que agrada a Deus.

A passagem é colocada entre colchetes e recebe consistência temática por palavras relacionadas ao termo bem-gradavelmente, euarestos , encontrado na exortação introdutória de 1228, mostremos gratidão por meio da qual adoramos a Deus de uma maneira bem-gradável. Este mesmo termo aparece perto do final dessas exortações no capítulo 13, versículo 16: não nos esqueçamos de fazer o bem e de repartir, pois com tais sacrifícios Deus se agrada, euaresto . E então, finalmente, na bênção que encerra a parte sermônica deste texto, encontramos o autor orando para que Deus esteja, entre aspas, operando em você o que é bem-gradável, euareston , diante dele, por meio de Jesus Cristo.

Claro, esse grupo de palavras também lembra Hebreus 11:5 a 6, onde agradar a Deus é essencial para a transcendência da morte e é a consequência de confiar em Deus, continuar a depender do favor de Deus e responder fielmente a Deus. Neste capítulo, o autor apresenta exortações para manter a solidariedade e o apoio em todo o grupo cristão, o que permite que os crentes individuais perseverem na confissão de esperança, por mais marginalizados que possam se tornar. Ele exorta os ouvintes a permanecerem distantes da busca por status e riqueza neste mundo, e apresenta exortações aos ouvintes para encontrarem sua firmeza em Jesus e no relacionamento de graça estabelecido por meio de Jesus com Deus.

Todas essas coisas, tomadas em conjunto, mostram como viver de uma maneira agradável a Deus e como fazer um retorno justo e adequado a Deus pelos benefícios recebidos e benefícios ainda por vir. O sermão fecha com material bem adequado aos meios de comunicação aos quais o autor é reduzido, ou seja, ter que enviar seu sermão na forma de uma comunicação escrita. Assim, em Hebreus 13, 18 a 25, encontramos elementos que tipicamente fecham uma epístola, especialmente como esses elementos são conhecidos no discurso cristão.

Com isso, o autor encerra uma das peças de comunicação mais profundas do Novo Testamento. Em Hebreus 16, 1 a 6, o autor recomenda alguns comportamentos e orientações importantes para seus destinatários. Esta seção recebe coerência por meio de palavras relacionadas pelo lexema grego phil , o lexema relacionado ao amor e à afeição.

Este lexema aparece várias vezes nestes seis versos. Phil, Adelpia, para amor fraternal, no verso 1. Phil, Oxenia , para hospitalidade, no verso 2. E aphil , Argoros , abstendo-se do amor ao dinheiro, no verso 5. E assim, lemos, que o amor fraternal continue. Não se esqueça de amar os hóspedes visitantes, pois por meio da hospitalidade, e alguns involuntariamente entretiveram anjos.

Lembrem-se dos presos como se estivessem presos junto com eles, dos maltratados como se fossem vocês mesmos na pele deles. Que o casamento seja respeitado em todas as coisas, e o leito conjugal mantido puro, pois Deus julgará os fornicadores e adúlteros. Nestes quatro versos iniciais, o autor, antes de tudo, sustenta a importância de manter Phil-Adelpia, o amor que caracteriza os irmãos.

O ethos dos irmãos era um tópico importante em obras éticas do período greco-romano. O Livro 8 da Ética a Nicômaco de Aristóteles e o Tratado sobre a Afeição Fraternal de Plutarco fornecem dois exemplos de como os eticistas gregos pensavam que irmãos e irmãs deveriam se comportar uns com os outros. De fato, nesse ethos cultural mais amplo, encontramos muitos elementos do amor por irmãos e irmãs que os autores cristãos impõem a seus próprios públicos.

Por exemplo, cooperação, solidariedade e compartilhamento de posses são todos valores a serem promulgados entre parentes. Claro, na comunidade cristã, isso não é entre parentes de um tipo natural, mas entre pessoas que se tornaram relacionadas por ideais e compromissos compartilhados e, particularmente, a crença de que todos foram adotados na mesma família por Deus. Amor mútuo e apoio pelo grupo, Phil-Adelpia, esse nível de intensa devoção, parentesco e investimento um no outro, teve que compensar as redes perdidas de apoio e relacionamentos fora do grupo, bem como compensar os efeitos erosivos da rejeição e hostilidade dos vizinhos descrentes do cristão.

Uma segunda qualidade que o autor promove aqui é a hospitalidade, o amor pelos hóspedes e estranhos. Esta era uma prática essencial para manter uma comunidade cristã, primeiro porque a própria existência do culto comunitário cristão dependia de indivíduos estarem dispostos a abrir suas casas para reuniões do grupo, apesar, em alguns cenários, do estigma que isso trazia, pois alguém se identificava e sua família como apoiadores do movimento cristão. O movimento cristão primitivo também dependia da hospitalidade para missionários viajantes, professores viajantes e emissários das igrejas, então a hospitalidade era de fato um valor central ao lado do

amor entre irmãos, Phil e Adelpia, para manter o grupo cristão primitivo e a rede de igrejas.

A justificativa que o autor dá para manter o amor dos hóspedes é uma referência geral àquelas histórias bíblicas nas quais a hospitalidade foi estendida inconscientemente aos anjos. Podemos pensar aqui, especialmente nas histórias em Gênesis 18 e 19, nas quais Abraão e Sara, e então Ló, mostram hospitalidade a estranhos que se revelam anjos do Senhor. A terceira injunção nesta série é lembrar aqueles na prisão como se estivessem na prisão com eles e aqueles que são maltratados como se estivessem em sua pele.

O comando de abertura para lembrar fornece equilíbrio artístico e evita a repetição com a injunção para não esquecer no verso dois. Este comando enfatiza mais uma vez a importância de fornecer alívio nas formas de apoio material e emocional para aqueles crentes que a sociedade mais tem como alvo. Se o grupo estivesse disposto a mobilizar tal apoio sob tais condições, cada membro do grupo saberia que, não importa o que a sociedade jogue em meu caminho, minhas irmãs e irmãos não me deixarão desconfortavelmente.

Eles não me decepcionarão. A convicção de que irmãos eram tão intimamente unidos a ponto de serem, em essência, a mesma coisa, embora em indivíduos separados, como Aristóteles coloca em sua Ética, sustenta a exortação a considerar os sofrimentos do outro como os próprios sofrimentos, e aliviá-los tão de todo o coração e tão bravamente quanto alguém esperaria que sua própria aflição fosse aliviada. O satirista Luciano testemunha que essa atitude está completamente estabelecida entre os cristãos por volta do século II d.C.

Sua sátira, intitulada *The Passing of Peregrinus*, abre uma janela para como os cristãos estenderam cuidado e apoio aos seus. Nesta história, Peregrinus é basicamente um filósofo e vendedor ambulante de religião que, por um tempo, se apresenta como um professor e filósofo cristão, e então se move de igreja em igreja e basicamente se aproveita do apoio deste movimento cristão por um tempo. Quando Peregrinus acaba na prisão, os cristãos se dedicam a cuidar dele, a lhe fazer companhia e a lhe trazer tudo o que precisam.

Luciano explica isso dessa maneira. Assim, seu primeiro legislador, aqui pensando em Jesus, os persuadiu de que eles são todos irmãos e irmãs uns dos outros. Portanto, eles desprezam todas as coisas, todos os bens materiais, indiscriminadamente, e os consideram propriedade comum.

Como irmãos em Cristo, os crentes devem se unir de todas as maneiras para que cada membro da família chegue em segurança ao objetivo celestial. Em tempos passados, a audiência do pregador demonstrou essa mesma qualidade de não deixar de se identificar, ajudar e apoiar seus irmãos e irmãs mais marginalizados, como o

pregador lembrou no capítulo 10, versículos 32 a 34. E então, nesta exortação, ele os está incitando a fazer isso cada vez mais.

Em 13.4, o autor muda seu foco para os tipos de amor que não devem ser demonstrados. Aqui, a fidelidade no casamento é instada como um valor contínuo entre o grupo. Então, ao se abster de formas erradas de amor, o crente busca evitar danificar aqueles relacionamentos íntimos entre pessoas que deveriam estar apoiando umas às outras mais de perto no empreendimento cristão.

O raciocínio que ele aduz será familiar aos ouvintes agora: o julgamento futuro de Deus sobre adúlteros e fornicadores. Um segundo tipo de amor que afasta as pessoas de seu movimento para a frente em direção a Deus é o amor ao dinheiro, que seria igualmente devastador e erosivo para o compromisso cristão neste cenário, uma vez que a privação de dinheiro é uma das técnicas de controle de desvio da sociedade, como o autor lembrou aos ouvintes no capítulo 10, versículo 34. No passado, eles foram desafiados a aceitar com alegria a apreensão ou a pilhagem de sua propriedade como uma das maneiras pelas quais eles superaram e superaram as tentativas da sociedade de segurá-los.

Portanto, o autor encoraja os ouvintes a deixarem seu caminho livre do amor ao dinheiro e se contentarem com o que têm, pois ele mesmo disse: Nunca te deixarei, nem te abandonarei, para que sejamos encorajados a dizer: o Senhor é meu auxílio. Não temerei. O que um ser humano pode fazer comigo? O autor não está simplesmente os incentivando a evitar a ganância, mas sim a não buscar recuperar, ao custo de perder sua recompensa, o que perderam por amor a Cristo em tempos anteriores.

Seu desapego da riqueza agora lhes trará posses melhores e duradouras em um país onde sua honra será a dos filhos de Deus. O autor também enfatiza ao longo do sermão o que os ouvintes, de fato, têm. Um grande bem que eles desfrutam é o acesso ao favor de Deus para ajuda oportuna durante sua peregrinação, como o autor os exortou no capítulo 4, versículo 16: aproximemo-nos, portanto, do trono da graça com ousadia, para que possamos receber misericórdia e encontrar graça para socorro em ocasião oportuna.

Ele os lembra desse privilégio aqui usando as palavras das escrituras, pois o próprio Deus disse: Eu certamente nunca te deixarei, nem te desampararei. O autor aqui pegou a linguagem de Deuterônimo 31 versículo 6, onde o autor escreve: seu Deus certamente nunca te deixará, nem te abandonará, modificando-a ao torná-la uma declaração em primeira pessoa de Deus. Isso oferece aos ouvintes uma base para confiança mais uma vez, como em todo o sermão, em sua conexão com Deus e na disposição de Deus sempre de ficar ao lado dos ouvintes e prover a eles o que precisam para perseverar naquela jornada na qual Deus os havia estabelecido, para começar.

O autor usa uma recitação do Salmo 118 versículo 6 para caracterizar a resposta apropriada às promessas de Deus, uma resposta que ele espera que os ouvintes continuem a internalizar e se manifestar. Assim, ele escreve, para que sejamos encorajados a dizer, o Senhor é minha ajuda. Não terei medo.

O que um ser humano pode fazer comigo? Os ouvintes, se adotarem a postura modelada pelo salmista, continuarão a rejeitar o medo diante da oposição humana, dada a grandeza da assistência divina que desfrutaram em sua jornada. Ela expressa a confiança de que podem vencer sua disputa atual porque Deus é seu aliado. O autor, portanto, busca continuar a encorajar os ouvintes a perseverar em gratidão e lealdade a Deus e ao filho de Deus e a continuar a movê-los para a frente no discipulado obediente porque, de fato, eles não têm nada a temer daqueles que se opõem a eles nessa jornada.

O próximo bloco de exortação, enquanto se move por uma ampla gama de tópicos, continua a servir ao objetivo do autor de mover os ouvintes a encontrar o centro que lhes dá estabilidade e firmeza em sua esperança cristã, e assim também confiabilidade em seu relacionamento e obrigações uns com os outros e com Jesus. E assim, em Hebreus 13, 7 a 8, lemos, lembrem-se de seus líderes que falaram a palavra de Deus a vocês. Olhando para o resultado final de sua conduta, imitem sua fé.

Jesus Cristo é ontem e hoje, o mesmo e para sempre. Ao se referir àqueles que falaram a palavra de Deus para você, o autor provavelmente está se referindo à equipe evangelística anterior em torno de cuja proclamação a comunidade cristã foi formada. Quando o pregador exorta os ouvintes a considerarem o resultado ou resultado final de sua conduta, a palavra *ekbasis* aqui sendo um eufemismo frequente para morte, ele parece indicar que esses evangelistas se juntaram à grande nuvem de testemunhas, deixando para trás mais exemplos de vidas vividas na fé até o fim, dignas da imitação do ouvinte.

A firmeza dos líderes e sua fé foram possíveis pela confiabilidade inabalável do objeto de sua confiança, Jesus, que é o mesmo ontem, hoje e para sempre. Esta famosa declaração em Hebreus 13:8 não é uma afirmação separada da imutabilidade divina, mas uma afirmação da confiabilidade contínua de Jesus. Dio Crisóstomo, um filósofo e estadista grego que viveu de cerca de 50 d.C. a cerca de 120 d.C., fornece um texto comparativo útil no contexto de sua oração sobre desconfiança.

Ele reclama que, entre aspas, com seres humanos, não há constância ou veracidade alguma. O que alguém disse sobre fortuna poderia muito bem ser dito sobre seres humanos, a saber, que ninguém sabe sobre ninguém se ele permanecerá como está até amanhã. De qualquer forma, as pessoas violam os pactos que fazem umas com as outras.

Por causa dessa instabilidade com os seres humanos, Dio acha que é mais prudente não confiar nos seres humanos, na medida em que se pode evitar isso. O autor de Hebreus afirma, no entanto, que há um homem cujo caráter e palavra não mudam através dos tempos, mas que permanece constante. Por causa dessa constância, os ouvintes podem confiar em Jesus hoje e amanhã, assim como ontem, seus líderes confiaram em Jesus e não ficaram desapontados.

O favor de Jesus, que não está aqui hoje e se foi amanhã, mas sempre presente para seus fiéis, torna-se, portanto, a fonte de estabilidade para os corações dos destinatários. Este é um resumo eficaz de um grande impulso do sermão, a saber, o fato de que aquele que prometeu é fiel ou confiável. Nos versículos seguintes, vemos: não se deixe levar por ensinamentos diversos e estranhos, pois é uma coisa boa que o coração seja fortalecido pelo favor e não por alimentos.

Aqueles que seguiam tais práticas não se beneficiavam delas, mas temos um altar do qual aqueles que adoram na tenda não têm autoridade para comer. Jesus, a base para a confiança, contrasta com coisas não confiáveis das quais as pessoas podem procurar garantir alguma amarração estável para si mesmas. Devemos parar por um momento para observar a estrutura argumentativa desta seção.

O autor dá um conselho em 13:9, que é não se deixar levar por ensinamentos diversos e estrangeiros. Ele então acrescenta uma justificativa explicativa, pois é uma coisa boa para os corações serem estabelecidos pela graça, não por alimentos que não beneficiaram aqueles que vivem por eles. A isso, ele acrescenta uma segunda justificativa, pois temos um altar do qual aqueles que servem na tenda terrena não têm autoridade para comer.

O propósito retórico de 13:9, portanto, é fornecer um contraste para a fundação segura para a confiança, a saber, Jesus, a quem os fundadores da comunidade em 13.7 encontraram como uma âncora ampla e adequada para a chegada de sua própria esperança ao porto. Qualquer ensinamento que seja mais antigo ou mais novo ou diferente do ensinamento sobre a mediação efetiva de Jesus do favor de Deus e a maneira de permanecer no favor ameaça a própria estabilidade do ouvinte em Cristo. Tal ensinamento ameaça levá-los embora, precisamente o oposto de permanecer em um lugar fixo de firmeza.

É bem diferente para nós, tão distantes do cenário imediato da congregação, discernir precisamente a que o pregador está se referindo se ele estivesse mirando em ensinamentos particulares flutuando ao redor das congregações. O que está claro é que descobrir estabilidade para a vida de alguém na reciprocidade do relacionamento de graça com Deus por meio de Cristo é um curso nobre ou honroso. Qualquer outro curso não traz nenhum benefício.

Os ensinamentos diversos e estranhos são relegados ao nível de comida. Isso recapitula a distinção básica do pregador entre o caráter da antiga aliança, regulamentações externas de eficácia e escopo limitados, e a nova aliança, o favor de Deus, que foi conquistado para nós por Jesus. Em 13:10, encontramos uma breve recapitulação do argumento e a exortação de todo o sermão.

Os ouvintes são novamente lembrados das vantagens incomparáveis obtidas pela mediação sacerdotal de Jesus, que é apresentada aqui em termos de acesso a uma refeição cultual. Quem desfrutava de qual parte de cada sacrifício animal era cuidadosamente disposto na Torá, e os privilégios dos sacerdotes e da divindade eram zelosamente guardados. Os cristãos, no entanto, têm um lugar privilegiado em uma mesa à qual mesmo aqueles sacerdotes honrados podem não vir, pelo menos não separados de sua própria confiança em Jesus.

Enquanto outros desfrutavam da sombra, os destinatários desfrutavam da coisa real e não deveriam abrir mão desse privilégio por nenhum bem menor. O altar é deliberadamente ambíguo para relembrar toda a discussão do sacrifício sacerdotal de Cristo e seus benefícios para a comunidade cristã. Alguns intérpretes levantaram a possibilidade de que o autor esteja falando sobre a mesa da comunhão, ou a Ceia do Senhor, ou a Eucaristia.

A participação nessa refeição ritual representa a participação dos cristãos nos benefícios do corpo de Cristo sendo partido por eles e do sangue derramado por eles. E então ressoa bem de perto com os temas centrais do sermão aos hebreus. Embora o autor não faça tal referência à Eucaristia explícita, a natureza penetrante desse ritual na igreja primitiva, e especialmente nos círculos paulinos, dos quais naturalmente acreditaríamos que o autor de Hebreus e seus destinatários vieram, e o interesse do sermão como um todo nos benefícios obtidos para os ouvintes pela morte de Jesus por eles, fazem disso uma ressonância atraente.

Os autores mencionam em 13:9-10 que animais sacrificiais e refeições e ritos sagrados, ou a falta de ritos, o levam de volta aos rituais do Dia da Expição como uma estrutura para pensar sobre a morte de Jesus. Então lemos nos versículos 11-14 que os corpos desses animais, cujo sangue é levado para os lugares santos através do sumo sacerdote para uma oferta pelo pecado, são queimados fora do acampamento. Portanto, Jesus, para santificar o povo através de seu próprio sangue, também sofreu fora do portão.

Agora, então, saímos até ele, fora do acampamento, levando sua reprovação, pois não temos cidade permanente aqui, mas estamos buscando a que está chegando. Os corpos dos sacrifícios do Dia da Expição não eram, de fato, comidos pelos sacerdotes do tabernáculo, mas queimados inteiramente. Enquanto o sangue era levado para os lugares santos pelo sumo sacerdote, eles pegavam o novilho para a oferta pelo pecado e o bode para a oferta pelo pecado, cujo sangue era levado para

os lugares santos para efetuar a expiação, e os levavam para fora do acampamento e os queimavam com fogo, como estipula Levítico 16.27.

O autor de Hebreus essencialmente lê o protótipo, ou seja, o ritual do Dia da Expiação e todos os seus detalhes, como um mandato para o que tem que acontecer no antítipo, ou seja, os eventos da vida de Jesus, até o detalhe de sua crucificação acontecendo fora do portão dos muros de Jerusalém. A prescrição para o descarte de carcaças de sacrifícios de expiação em Levítico reforça a interpretação da morte de Jesus fora do acampamento ou fora do portão como um sacrifício realizado para santificar o povo, relembrando aqui no versículo 12 o argumento central do sermão. O lembrete do ato altruísta de beneficência de Jesus leva diretamente a um chamado para render gratidão em igual medida no versículo 13.

Vamos, portanto, até ele fora do acampamento. Os ouvintes não devem recuar diante do custo de serem beneficiários leais, reverentes e gratos das dádivas de Jesus. Sua dívida com Jesus deve levá-los a deixar o acampamento como ele fez por eles e a suportar reprovação por ele como ele suportou reprovação por eles.

Esta convocação se encaixa nas metáforas maiores de movimento que o autor usou para posicionar os ouvintes no mundo ao longo do sermão. Sair do acampamento é semelhante a deixar para trás seu lugar em casa nas estruturas deste mundo, assim como Abraão e Moisés exemplificaram. Tal saída é um pré-requisito para se aproximar de Deus e, finalmente, para entrar no reino eterno para onde Jesus foi como seu precursor.

O lugar fora do acampamento é ambíguo na herança das escrituras judaicas. Por um lado, é um lugar de impureza onde os leprosos moram, onde os contaminados esperam sua purificação e onde os infratores da lei são executados. Por outro lado, há lugares limpos fora do acampamento onde corpos sacrificiais são queimados e, mais impressionantemente, onde a presença de Deus é encontrada.

Encontramos esta última instância em Êxodo 33, versículos 1 a 7, onde, citação, Moisés, tomando a tenda, armou-a fora do acampamento, longe do acampamento. E aconteceu que todos os que buscavam o Senhor saíram do acampamento para a tenda. Os lugares nas margens fora do acampamento onde os seguidores de Cristo abordados por Hebreus se encontram socialmente, economicamente e politicamente são também os lugares de poder sagrado onde Deus deve ser encontrado.

Suportar a reprovação de Cristo aqui no versículo 13 também relembra a disposição de Moisés de fazer o mesmo no capítulo 11, versículo 25, por uma recompensa maior. Escolher suportar a reprovação de Cristo é uma escolha sábia e nobre, como Moisés demonstrou há muito tempo. Essa reprovação significa, no final, riqueza maior do que os tesouros do Egito, pois é a marca daquele que se juntou ao povo de Deus e, assim, entrou na herança eterna dos filhos e filhas de Deus.

Perseverar no curso que leva à experiência de perda e reprovação agora, por amor a Jesus, é, em última análise, o curso vantajoso, como o autor lembra os ouvintes no trocadilho, contrastando sua falta de uma cidade duradoura, uma cidade menuson aqui, com a expectativa da cidade vindoura, a cidade meluson, que perdurará eternamente. O investimento na posição de alguém neste mundo, especialmente se isso significar a perda de um lugar no reino de Deus, o reino duradouro ou duradouro, é exatamente o que o tolo Esaú teria feito. Hebreus 13:15 a 16, estende o tópico de fazer um retorno justo pelos favores recebidos, particularmente com a visão de trazer honra ao patrono e oferecer os serviços que o agradarão.

O autor expressa isso em linguagem de culto, mantendo os versos imediatamente precedentes, as conotações de culto da exortação à gratidão em 12:28, e o argumento central do sermão sobre a consagração dos ouvintes por Jesus que os tornou aptos a oferecer esses sacrifícios aceitáveis. Por meio de Jesus Cristo, ofereçamos continuamente a Deus um sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam seu nome. Não se esqueça de fazer o bem e compartilhar, pois com sacrifícios desse tipo, Deus se agrada.

O primeiro verso aqui recontextualiza o Salmo 50, verso 14, onde o salmista ordena a seus ouvintes que ofereçam a Deus um sacrifício de louvor, construindo uma longa tradição de racionalização do sacrifício na religião judaica, pela qual ofertas envolvendo louvor, testemunho e atos de justiça substituem sacrifícios sangrentos de animais. O Salmo 50, versos 12 e 13, de fato, criticou a irracionalidade de pensar em dar a Deus comida e bebida em sacrifícios de animais, apresentando o sacrifício de louvor como a alternativa razoável. A confissão do nome de Deus aqui significa expandir a reputação honrosa do patrono.

A palavra grega foi frequentemente escolhida pelos tradutores da Septuaginta ao longo dos Salmos para traduzir o hebraico, dar graças, enfatizando o caráter público da ação de graças como testemunho, testemunho público da generosidade de Deus. Este é um desafio pungente no cenário abordado por nosso pregador, ressaltando a dimensão pública do testemunho devido a Deus como seu benfeitor. Por palavra e por ação, os destinatários são chamados a confessar a seus vizinhos que os dons de Deus são bons e valem o custo de permanecer leais a tal fator, mantendo assim a ousadia, na verdade o testemunho ousado, que marcou seus confrontos anteriores com seus vizinhos descrentes.

Os ouvintes também são chamados a oferecer a Deus seus serviços em benefício uns dos outros, reunindo seus recursos e buscando oportunidades de ajudar uns aos outros conforme qualquer um possa ter necessidade. Não se esqueça de fazer o bem e compartilhar, pois com tais sacrifícios Deus se agrada, como o autor ordena no versículo 16. O pensamento do autor aqui ainda está profundamente enraizado na reflexão judaica sobre quais sacrifícios Deus deseja.

Ele novamente ecoa os profetas do Antigo Testamento. Por exemplo, Amós clama por uma efusão de negócios justos e atos retos em vez do abate ritual de animais. Isaías clama pelo cuidado dos pobres e dos desabrigados como o jejum que agrada a Deus, convocando o povo a cuidar dos interesses dos pobres, dos órfãos e das viúvas para que os sacrifícios rituais possam novamente se tornar aceitáveis.

Embora os ouvintes não possam retribuir a Deus, que não precisa de nada, eles podem retribuir indiretamente a generosidade de Deus estendendo gentileza uns aos outros, um ponto feito de forma mais dramática em Mateus capítulo 25, versículos 31 a 46. O autor de Hebreus reforça essa conexão entre mostrar gratidão a Deus e dar assistência às irmãs e irmãos. Os destinatários oferecem esses sacrifícios agradáveis sempre que mostram diligência em servir os santos como têm feito, como o autor disse no capítulo 6, versículo 10.

Os ouvintes são aqui convocados a não negligenciar a realização de obras nobres e a fazer o investimento uns nos outros, que Deus também não esquecerá. Como o autor disse no versículo 9 do capítulo 6, Deus não é injusto para esquecer suas obras de amor e serviço. Estas, ao contrário, preservarão o círculo da graça para a recepção de benefícios eternos.

Hebreus 13, versículos 18 a 25, está em conformidade com o padrão de outros encerramentos de cartas cristãs primitivas, especialmente aqueles encontrados em 1 Pedro 5 e Romanos 15. Este padrão de solicitação, bênção, doxologia, notícias, anúncios de viagem, saudações e despedida final é uma adaptação dos encerramentos típicos de cartas greco-romanas. A adaptação é particularmente evidente na adição de uma bênção e uma doxologia, que é particularmente apropriada para o cenário litúrgico no qual essas cartas e comunicações cristãs primitivas tenderiam a ser lidas.

Hebreus 13:17 poderia ser ouvido como parte do bloco da exortação anterior para estar sujeito ou ser obediente aos seus líderes, formando uma inclusão com lembre-se de seus líderes em 13:7. A injunção para lembrar os antigos líderes que inicialmente trouxeram o evangelho é equilibrada por uma exortação para obedecer aos seus atuais líderes e professores na fé. Mas a mesma exortação também está relacionada tematicamente ao material de encerramento, que dá atenção considerável às figuras de liderança a quem os destinatários devem buscar orientação, para atribuição de honra ou censura, sejam líderes locais como nos versículos 14 e 24, o autor e sua equipe nos versículos 18, 19 e 22, Deus na bênção dos versículos 20 e 21, e até mesmo Timóteo, cuja provável visita é mencionada no versículo 23. E assim, lemos aqui no versículo 17, estejam sujeitos ou sejam obedientes aos seus líderes, sejam submissos, pois eles exercem cuidado vigilante sobre suas almas, como aqueles que estão prestes a dar contas, para que eles possam fazer isso com alegria e não com gemidos, pois isso seria inútil para vocês.

O autor compartilha algo aqui sobre o ethos da liderança cristã. Líderes investem-se incansavelmente em seus encargos. O verbo usado carregava o sentido de perder o sono sobre seus encargos para o benefício destes últimos.

Eles exercem essa supervisão sempre conscientes da supervisão do próprio Deus sobre eles como pessoas que darão conta de si mesmas e de seus encargos ao grande pastor das ovelhas. O autor afirma que seria inconveniente para a comunidade se o ministério de seu líder fosse uma causa de tristeza para os líderes. A cooperação deve ser a marca registrada da comunidade cristã em todos os sentidos, incluindo a cooperação com a liderança para o bem de todos.

Energia gasta em conflito é energia indisponível para edificação e para resistência a outras forças erosivas de fora. O autor então lança um pedido de oração. Ore por nós, pois estamos persuadidos de que temos uma boa consciência em todas as coisas, desejando nos conduzir nobremente.

Eu o encorajo a fazer isso ainda mais para que eu possa ser restaurado a você rapidamente. Este pedido de oração é um exemplo do tipo de ajuda que se pode esperar do trono de favor, como o autor colocou em 4:14-16. E os ouvintes são instados a buscar ajuda oportuna aqui para o próprio orador. O orador afirma que ele e sua equipe, seus parceiros no ministério, possuem a boa consciência diante de Deus que significa a ausência de obstáculos entre o orador e o Deus que concederá sua oração, bem como entre o orador e os ouvintes, cuja mediação ele solicita.

Este pedido de oração ecoa o grande benefício que Cristo trouxe definitivamente a todos os crentes, a saber, purgar sua consciência da contaminação dos pecados. Este pedido de oração também é um sinal claro de conhecimento prévio entre o pregador e a congregação, pois ele escreve, ore isto para que eu possa rapidamente ser restaurado a você. Eles têm algum tipo de relacionamento anterior, o pregador tendo estado presente com uma congregação pelo menos em algum momento no passado.

O autor pronuncia em seguida uma bênção sobre sua congregação, concedida à distância com os versos seguintes. E que o Deus da paz, que trouxe dos mortos o grande pastor das ovelhas pelo sangue da aliança eterna, nosso Senhor Jesus, vos torne perfeitos em todo bem, para fazerdes a sua vontade, moldando em vós o que é agradável diante dele por Jesus Cristo, a quem seja honra para sempre. Amém.

Esta bênção conclusiva entrelaça vários temas importantes da exposição e exortações anteriores. Primeiro, ela novamente apresenta Deus como a causa ativa da ressurreição de Jesus dentre os mortos, portanto, novamente como aquele que tem o poder de trazer vida da morte, uma ênfase que vimos percorrendo Hebreus 11. Ela também fala da ressurreição de Jesus por Deus como um sinal da aceitação

de Deus da aliança estabelecida pelo sacrifício de Jesus, um tema central de Hebreus 7 a 10.

O autor toma emprestada a linguagem de Isaías 63 versículo 11, onde Deus levanta Moisés da terra como um pastor das ovelhas. O autor está traçando uma comparação implícita aqui, falando de Jesus agora como o grande pastor das ovelhas, grande sendo uma palavra aplicada a Jesus em Hebreus, como em grande sumo sacerdote em 10.21. Este é um lembrete implícito da superioridade de Jesus aos mediadores anteriores do favor de Deus, como Moisés, onde comparações explícitas foram feitas anteriormente em Hebreus 3:1 a 6. A descrição de Jesus como um pastor é amplamente difundida na cultura cristã. Alguém pode se lembrar do evangelho de João, capítulo 10:11 a 14, ou 1 Pedro 2:25.

Também ressoa com o discurso judaico sobre Deus como o pastor do povo de Israel em Ezequiel 34 ou o pastor da pessoa justa individual no Salmo 23. O autor clama a Deus para fornecer aos destinatários todas as coisas boas para torná-los completos para fazer a vontade de Deus, assim como Jesus fez da vontade de Deus sua agenda central. Pode-se lembrar aqui da aplicação do autor do Salmo 40 versículo 8 em Hebreus 10:4 a 10.

Veja, aqui estou, venho para fazer a sua vontade. Então, agora, esse fazer a vontade de Deus deve se tornar o foco dos destinatários também. Novamente, ser agradável diante de Deus é a principal consideração que o autor levantou diante dos ouvintes ao longo dos capítulos 11 e 12, em vez de buscar ser agradável aos seres humanos, por exemplo, os vizinhos descrentes do cristão.

Assim como todos os dons de Deus, estes também, a habilidade de ser agradável a Deus e de fazer consistentemente a vontade de Deus, serão assegurados por meio de Jesus Cristo, que permanece assim firmemente em seu papel de corretor ou mediador do favor divino. Não fica imediatamente claro a quem o pregador está se referindo quando escreve na conclusão desta bênção, a quem seja a glória para sempre. É Deus ou é Jesus? A proximidade do nome de Jesus a este pronome relativo o torna a referência mais natural.

Mas, por outro lado, o pregador tem sido bastante teocêntrico em suas exortações. É a Deus que a gratidão deve ser demonstrada por meio da adoração reverente em 12:28. É a Deus que os sacrifícios de louvor, confissão e serviço são oferecidos por meio de Jesus Cristo em 13:15 e 16.

Isso pode sugerir que Deus é novamente o recipiente da honra pelos dons que ele dá por meio de Jesus Cristo, sempre o mediador para aqueles que se aproximam de Deus por meio dele. O autor encerra seu sermão agora nos versículos 22 a 25 com os elementos familiares de notícias e bênçãos. Ele escreve: Eu os encorajo, irmãos e

irmãos, a suportarem minha palavra de exortação, pois, de fato, eu os escrevi brevemente.

Vocês sabem que nosso irmão Timóteo foi solto, com quem, se ele vier rapidamente, eu os verei. Saudai todos os seus líderes e todos os santos. Os da Itália, vos saúdam.

A designação do autor de sua própria obra como uma palavra de exortação sugere que ela pertence ao gênero de homilia ou sermão, como de fato, o termo vem a ser usado cada vez mais. Em Atos 13, versículo 15, encontramos a frase usada em uma sinagoga da diáspora para se referir a uma homilia. O autor afirma que manteve a mensagem breve para não forçar a atenção deles.

O fato de que este sermão levaria quase uma hora para ser lido de forma eficaz e emotiva não deve nos fazer ler esta observação como hipócrita. Muitos dos discursos de Diócritio ou Cícero levariam três vezes mais tempo para serem entregues. A carta termina com notícias, planos de viagem, saudações e uma bênção formulaica.

No que diz respeito às notícias, o autor passa um relato de que nosso irmão Timóteo foi solto, o que pode já ser notícia velha no que diz respeito à congregação. Você sabe que nosso irmão Timóteo foi solto. Provavelmente, este é o mesmo Timóteo que foi companheiro de viagem e protegido de Paulo.

Libertado implica prisão recente, uma condição à qual os líderes cristãos eram frequentemente submetidos. Essa prisão de Timóteo não é atestada no Novo Testamento, a menos que seja aquela compartilhada por Timóteo com Paulo, mencionada em Filemom, versículo 1. O autor sugere que Timóteo está atualmente viajando para o local do autor para que ambos possam visitar a congregação juntos, mas o autor parece tão ansioso para visitar essa congregação que ele pode não esperar. Os destinatários podem, portanto, esperar ansiosamente pelo retorno desse líder e professor e, assim, ter seus recursos para a perseverança do grupo à sua disposição pessoalmente.

O autor pede aos ouvintes que cumprimentem seus líderes e todos os santos e passa adiante as saudações daqueles da Itália no versículo 24. Este é provavelmente mais um pedido formulaico para passar adiante as saudações do pregador para toda a congregação, algo que é realizado no momento em que o sermão é lido em voz alta para eles. Como exploramos em um segmento introdutório, a saudação transmitida pelo autor daqueles da Itália figurou proeminentemente em reconstruções da localização do destinatário.

Embora sugira alguma conexão com a Itália, particularmente a igreja em Roma, é difícil decidir se a saudação vem de italianos presentes com o autor em Roma enviados a uma congregação fora da Itália, para a qual o autor retornará mais tarde, ou se a saudação vem de italianos presentes com o autor fora da Itália enviando suas

saudações de volta para casa. Mas, como exploramos anteriormente, a primeira possibilidade parece ter maior peso. Tanto a linguagem particular aqui, *hoi apotes italias*, aqueles da Itália, preferem um lugar de origem em vez de um lugar de separação.

A evidência em manuscritos antigos onde os escribas tentam fornecer algo como um título no qual a localização do autor e dos destinatários é dada favorece unanimemente a Itália como o local de origem deste sermão. Não devemos subestimar o poder desses pequenos lembretes da natureza global ou pelo menos translocal do movimento cristão. Os crentes em qualquer local podem se animar ao saber que fazem parte de um grupo muito maior e não de uma minoria tão pequena quanto suas circunstâncias locais podem fazê-los pensar.

O autor encerra com um pronunciamento formulaico de bênção. Que a graça esteja com todos vocês, ou que o favor esteja com todos vocês. Isso aparece em toda a literatura cristã no final das comunicações.

Por exemplo, em Romanos, 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses e várias outras epístolas. Embora seja reconhecidamente formulaico, é um encerramento singularmente apropriado para este sermão no qual a graça de Deus e as maneiras pelas quais Jesus garantiu favor para os crentes têm sido tópicos tão proeminentes e no qual a perseverança na igreja tem sido promovida como o caminho também para permanecer dentro da esfera do favor de Deus, enquanto a deserção tem sido condenada como o caminho para a exclusão do favor. Assim, o desejo conclusivo do sermão que a graça esteja com todos vocês, representa o resumo das exortações do autor aos ouvintes para realmente continuarem a perseverar no caminho de experimentar o favor de Deus em vez de jogá-lo de lado.

Longe de ser uma reflexão tardia ou uma série de exortações agregadas, Hebreus 13 acrescenta significativamente à força retórica do sermão. As exortações de 13:1-16, em particular, têm grande força por causa da maneira como foram introduzidas com a injunção do capítulo 12:28. Essas são as práticas que constituem uma resposta apropriada de gratidão a Deus e que tornam a caminhada de alguém agradável a Deus, com quem temos que prestar contas.

O autor também dá atenção contínua nesta parte de seu sermão à engenharia social que é necessária para ajudar cada crente a suportar o estresse e as tensões que seus vizinhos infligem a eles. A imagem de sair do acampamento como um caminho para se aproximar de sua cidade permanente também carrega um peso retórico considerável. Esta é mais uma imagem pela qual o autor está encorajando os ouvintes a considerar a perseverança nesta jornada como o caminho benéfico a seguir.

Sair do acampamento repete o padrão que seu precursor, Jesus, abriu para eles quando saiu do acampamento e foi crucificado do lado de fora dos portões em obediência a Deus como uma estação de passagem, na verdade, no caminho de volta para sua sessão em glória. À medida que os próprios ouvintes saem do acampamento seguindo Jesus e deixando seu lugar em sua própria sociedade, eles também podem ter certeza, primeiro, de que estão fazendo um retorno apropriado a Jesus por seu investimento neles e sua disposição de suportar reprovação por eles, e, segundo, que eles chegarão ao fim onde seu precursor já chegou em seu nome. O autor, portanto, continua a promover a retribuição a Jesus como Jesus deu a eles, suportando por Jesus uma pequena parte do que Jesus suportou por eles como um componente essencial para fazer um retorno justo.

O autor também promove a confissão do nome de Cristo, a declaração pública de gratidão a Jesus e ao Deus de Israel com quem Jesus os conectou, bem como atos de serviço e apoio aos seus companheiros crentes como ofertas de agradecimento adequadas a Deus. Novamente, a importância do valor social central da reciprocidade emerge aqui para a estratégia retórica deste sermão em geral. As exortações do autor neste capítulo continuam a falar aos cristãos contemporâneos de algumas maneiras muito diretas.

Sua elevação do valor de philadelphia , amor fraternal e fraternal, como o ethos que deve caracterizar as relações dentro da igreja, nos desafia a fazer de irmão e irmã mais do que termos casuais de tratamento. Ele nos exorta a continuar sendo mais e mais reais em nosso investimento uns nos outros, em deixar nossos companheiros cristãos entrarem em nossas vidas e em nosso uso de nossos recursos para nossas irmãs e irmãos necessitados. A igreja pode, portanto, se tornar um refúgio confiável de apoio que pode ajudar a encorajar muitos a deixar estilos de vida e situações prejudiciais para trás, sabendo que farão essa jornada na companhia de pessoas que estão totalmente investidas neles para ajudá-los.

Para que os indivíduos sintam esse tipo de apoio, no entanto, é necessário o comprometimento prévio dos crentes dentro da igreja de serem parentes, uns dos outros, e de assumir as obrigações e o comprometimento mútuo que ser família implica. O autor também nos exorta a fazer da hospitalidade uma prática real e regular em nossas igrejas, tanto para outros cristãos quanto para aqueles a quem também podemos ministrar como cristãos, mostrando um nível surpreendente de amor e graça. Esse amor abrangente por irmãs e irmãos deve se estender particularmente aos irmãos e irmãs que são mais marginalizados.

O autor nos lembra, enquanto ele exorta suas próprias congregações, a lembrar aqueles na prisão como se estivessem presos com eles e aqueles que estão sendo maltratados como se estivessem em sua própria pele. Isso nos exorta a adotar o ethos de uma família global de Deus para cristãos em ambientes repressivos. O

desafio para nós como suas irmãs e irmãos é cuidar deles como tal, como nossa família.

Fiquei surpreso ao longo dos anos ao descobrir o quão relutantes muitos cristãos são em realmente aprender sobre os cenários que muitos cristãos enfrentam em todo o mundo. Ser família para nossas irmãs e irmãos em Cristo requer abrir nossos olhos e corações para o que está acontecendo além de nossas fronteiras e fazer de sua situação nossa preocupação e interesse imediatos, como se estivéssemos em sua pele. Isso pode nos levar a vários locais para investir no apoio e alívio de nossa família nesses ambientes repressivos, incluindo oração, um compromisso de quebrar o silêncio sobre sua situação, um compromisso de mobilizar ajuda para aqueles que são marginalizados, ou no caso em que os cristãos são até mesmo executados, apoiando as famílias que eles deixam para trás, que, portanto, não se sentirão abandonadas pelo Deus por quem eles desistiram de tanto, e também fazendo lobby para o fim da repressão injusta.

O autor também nos desafia a continuar identificando e rejeitando cursos de ação que corroem nosso compromisso cristão e nossa capacidade de responder a Deus juntos como Deus merece. Os dois que ele nomeia em Hebreus 13 continuam a ser desafios em muitas igrejas contemporâneas, o primeiro sendo o desafio da fidelidade conjugal, tornando o vínculo matrimonial uma fonte de força para a perseverança em vez de permitir que ele se torne uma pedra de tropeço para nossos cônjuges e nossas congregações por falhar em honrar e manter esse relacionamento saudável. Em segundo lugar, o desejo por ganho, o amor ao dinheiro, como o autor coloca, continua sendo uma grande pedra de tropeço para o discipulado comprometido.

O desejo por mais é um verdadeiro desafio à fidelidade para com Deus. Reconhecer o suficiente é o caminho para o contentamento e liberar muito tempo e energia para perseguir a agenda de Deus para nossas almas, para nossas igrejas e para nosso mundo. Pessoas que foram educadas e socializadas para viver em países capitalistas frequentemente têm dificuldade em perceber o que é suficiente e raramente pensam em viver com menos em termos dos confortos e prazeres deste mundo para poderem buscar mais do que Deus, do que nos torna ricos aos olhos de Deus.

E assim, o autor coloca diante de nós a necessidade de nos examinarmos continuamente. Estamos confiando em nossa riqueza ou em Deus? Nosso uso da riqueza nos mostra que confiamos em Deus, por exemplo, ao usá-la de acordo com o que Deus valoriza, como investir nas vidas e no bem-estar de nossas irmãs e irmãos em extrema necessidade? Ou nosso uso da riqueza nos mostra que buscamos nossa segurança fundamental em nosso dinheiro, por exemplo, ao construir celeiros maiores para nós mesmos? O autor também exorta seus ouvintes a irem até Jesus fora do acampamento, carregando sua reprovação. Mesmo em países onde o cristianismo é tolerado, podemos ser chamados a carregar a reprovação de Cristo.

Por exemplo, quando protestamos contra a injustiça pela qual muitos lucram, quando nos posicionamos contra os preconceitos que muitos consideram caros quando escolhemos a obediência ao chamado de Deus quando isso significa uma perda nos bens que a sociedade ao nosso redor preza, o autor nos faria olhar cuidadosamente, discernir cuidadosamente onde não vamos por Cristo por medo da reprovação que poderíamos ter que suportar por sua causa, por medo de desistir de algo que é caro para nós, ou por medo de não atingir o que nossa educação no mundo nos ensinou que é valioso. Quando nossa lealdade a Deus e obediência ao chamado de Deus nos faz suportar essa reprovação, o autor de Hebreus nos encoraja a abraçá-la, uma vez que a maneira como Deus está nos guiando nos aproxima da cidade permanente, nosso verdadeiro lar e objetivo, e nos afasta de nosso emaranhamento no acampamento mundano. No final de seu sermão, o autor especialmente eleva o valor de ser agradável a Deus como aquilo que deve estar na vanguarda de nossas ambições e nossas agendas para nós mesmos.

E, em particular, ele nos exorta a assumir aqueles atos que, como pessoas que foram consagradas pela morte de Jesus por nós, se tornam nosso dever sacerdotal para com Deus. Ele nos exorta, junto com seus ouvintes, a continuar oferecendo a Deus os sacrifícios que são agradáveis a ele, o sacrifício de louvor, o fruto dos lábios que reconhecem o nome de Deus, e também a não negligenciar fazer o bem e compartilhar, movendo-os para o centro de nossas vidas e agendas como atos de gratidão a Deus. Assim, o autor torna toda a vida potencialmente sagrada à medida que conduzimos esse dever de testemunhar a Deus e servir nossos irmãos e irmãs porque nos engajamos nessas atividades.

Ao nos envolvermos nessas atividades, estamos vivendo a partir do centro da gratidão para com Deus. O sacrifício do louvor, o fruto dos lábios reconhecendo o nome de Deus, nos encoraja a sermos ousados em falar sobre Deus, mesmo nos espaços onde nossa cultura, de maneiras sutis e não tão sutis, nos deixou desconfortáveis com a ideia de falar sobre reconhecer os dons de Deus para nós e o lugar de Deus em nossas vidas. Se, no entanto, mantivéssemos nossa religião escondida atrás das portas das igrejas ou das portas dos lares, nos tornaríamos o que o autor de Hebreus tão fortemente exortou seus ouvintes a não se tornarem : cristãos sem ousadia, medo ou disposição para falar sobre suas conexões com Jesus na audiência pública.

Nossa resposta de gratidão também nos move para áreas de serviço obediente. Cristãos protestantes são frequentemente particularmente sensíveis a como boas obras se encaixam na vida cristã e estão sempre em guarda contra qualquer coisa que possa dar um cheiro de justiça por obras. O autor de Hebreus nos dá um modelo diferente e, eu acho, melhor integrado.

Boas obras são uma parte necessária da nossa resposta de gratidão a Deus por todas as suas dádivas para nós. Embora elas não ganhem o favor de Deus, que é o ato

iniciador, elas são um retorno necessário de favor a Deus. E se esse círculo de reciprocidade for quebrado em algum lugar, a beleza da dança da vida cristã que Deus pôs em movimento é prejudicada.

À medida que aprofundamos nossa compreensão da imensidão do favor de Deus e dos dons que Deus concede e ainda concederá, também encontraremos nosso compromisso de retribuir o favor aprofundado, de trazer honra a esse Deus e servi-lo com total lealdade. Por essa razão, o autor elogia a graça como aquilo que nobre e habilmente fundamenta o coração do crente, tornando-o seguro na confiabilidade de Jesus e também tornando-o um membro confiável da família de Deus. Ao longo dessas apresentações, cobrimos muito terreno juntos, começando com o que pode ser aprendido sobre o cenário do qual o Sermão aos Hebreus surgiu e, em seguida, trabalhando no texto do início ao fim para discernir as maneiras pelas quais um pastor no primeiro século procurou manter sua congregação firme e fixa em seu compromisso com Cristo e em sua esperança cristã em face das dificuldades e perdas contínuas que tal compromisso trouxe sobre eles de seus vizinhos sem apoio.

Algumas das principais lições deste estudo incluiriam principalmente manter nossos olhos focados em Jesus, não perder de vista ele e o que lhe é devido em meio à correria da nossa vida cotidiana, não perder de vista em meio aos desafios que surgem em nosso caminho dia a dia da grandeza que Cristo possui em virtude de ser filho de Deus, sentado à direita de Deus, e não perder de vista tudo o que Jesus fez, derramando-se em nosso favor para nos conectar a Deus e nos levar à vida que agrada a Deus, a vida que dura para sempre. O autor de Hebreus gostaria que, assim como ele teria feito com seu público original, fizéssemos disso o ponto focal principal de nossas vidas, o ponto de partida para traçarmos nosso curso dia a dia para que não nos desviemos. Uma segunda lição importante que o autor de Hebreus imprimiria em nós é permitir-nos ter plena consciência de como fomos agraciados por Deus e nos comprometer a responder a Deus como a generosidade de Deus requer e merece.

Ele coloca a gratidão como um valor central diante de nossos olhos, nos incitando a pensar em tudo o que fazemos sobre como podemos trazer honra ou mostrar lealdade ou oferecer serviço obediente ao Deus que fez tanto por nós ou como o que estamos contemplando pode prejudicar a honra de Deus ou pode mostrar deslealdade para com nosso grande patrono ou pode promulgar alguma desobediência que o afronte. E por causa da gratidão, por causa de nossa consciência do que Deus fez por nós e nos deu, e o que Deus ainda nos reserva com suas promessas infalíveis, o autor sempre nos incita a escolher o curso de ação que exiba nosso comprometimento com Deus, nossa gratidão a Deus nessas situações. Outra coisa que o autor imprime em nós indelevelmente é a importância de apoiarmos uns aos outros nesta jornada de fé.

Do começo ao fim, ele lembra aos seus próprios ouvintes que nenhum de nós pode contar com segurança em chegar à meta sozinho, mas em muitos pontos, nós dependeremos de nossas irmãs e irmãos para refocalização, para correção, para apoio emocional e até material ao longo desta jornada. E então ele nos exorta a ter certeza de que em nossas próprias vidas, em nossas vidas congregacionais, estamos nos aproximando cada vez mais de nos tornarmos esta família solidária e mutuamente investidora para que nenhum de nós fique aquém de tudo o que Deus, na graça de Deus, colocou diante de nós.